

A VIAGEM DE VASCO DA GAMA NA VIRADA DO SÉCULO*

MARIA HELENA NERY GARCEZ (USP)
PAULO FRANCHETTI (UNICAMP)

"Os feitos de Gama e de Cabral (porque apoteoses de uma seqüência de êxitos sobre o desconhecido e o 'impossível') completaram e potenciaram o choque psicológico da inteligência européia, confirmando-a no sentimento, talvez obscuro, de que a vida começava de novo sobre a face da terra." J. S. da Silva Dias, **Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI.**

Desde a sua cristalização modelar, na mais perfeita das epopéias modernas, até a contemporaneidade, o tema da viagem do Gama vem merecendo o interesse de escritores das mais variadas épocas e lugares. Às vésperas do V Centenário, parece-nos oportuno refletir sobre algumas interpretações literárias que desse tema se deram há exatamente cem anos e sobre algumas outras tematizações que, sendo embora posteriores, filiam-se na mesma atitude de espírito, que poderíamos chamar, de modo geral, simbolista. Neste trabalho, assim, vamos tratar de poemas de Camilo Pessanha e de António Patrício, bem como de um poema de Stéphane Mallarmé, dedicado ao navegador português. Talvez já aqui seja interessante registrar o fato de que tanto Pessanha quanto Patrício foram sensíveis à imagem suscitada pelo nome da nau capitânia da esquadra de Vasco da Gama, evocando em seus poemas a figura tutelar do Arcanjo da Anunciação, enquanto Mallarmé centra sua atenção na figura do navegante, tal como o fará, anos depois, Fernando Pessoa, que em **Mensagem** o faz ascender aos

* Comunicação lida no I Encontro de Centros de Estudos Portugueses do Brasil, realizado de 27 a 30 de setembro de 1993, na Universidade de São Paulo.

céus, tal outro Cristo, potenciando assim ao infinito o processo de mitificação a que, nesse poema, submete toda a história pátria. O poema de Pessoa, entretanto, não será objeto de análise nesta comunicação, embora se possa filiar na mesma atitude de espírito que gerou o texto de Camilo Pessanha.¹

Em Macau, a 7 de maio de 1898, publica-se um **Jornal Único**, em celebração do IV Centenário do Descobrimento da Índia. Nele, Camilo Pessanha dá a público dois sonetos, que formam uma unidade e têm por título comum "San Gabriel".² Jogando com a dupla referência do título, que evoca simultaneamente a nau capitânia de Vasco da Gama e o arcanjo da anunciação à Virgem Maria, Camilo Pessanha concebe seu díptico de sonetos à maneira de uma prece. A prece vem, contudo, antecedida de uma sucinta descrição de uma condição presente, marcada pela estagnação resultante de uma calma e de uma "cilada" dos "ventos". É relativamente a essa estagnação desastrosa -- responsável pela perplexa indagação do oitavo verso: "A que foi que tão longe nos trouxeram?" -- que a voz da enunciação formula o seu pedido, que se estende não só por todos os demais versos do primeiro soneto, mas ainda até o décimo verso do segundo.

É de notar que para sugerir os efeitos funestos da estagnação Pessanha constrói todo um discurso simbólico que desenvolve a referência à nau contida no título. A calma sugere o marasmo da situação presente, que se tenta superar, enquanto as glórias passadas vêm simbolizadas nas "bandeiras" "tão altas nos topes" e pelas "gaivotas" que estão presentemente desfalecidas. Parece-nos importante o emprego do verbo "desfalecer", já que ele não implica cessação definitiva, morte, mas apenas interrupção temporária, suscetível de retomada. Prepara-se desta forma a invocação dirigida ao arcanjo, para que retome a sua função "tutelar" de guia, de enviado de uma esfera transcendente para conduzir os sujeitos do poema à "conquista final", que agora aparece como uma conquista de ordem mística: "luz" e "Bem". Repare-se que "parar de remar" e "emudecer" não significa perder a capacidade de realizar estas ações e que se "os ventos" os "trouxeram" "tão longe", a distância percorrida não constitui obstáculo intransponível, já que, levado pelo sonho da retomada, é possível exclamar: "Olha! Parece o Cruzeiro do Sul!". O segundo soneto -- extremamente feérico -- é todo ele invocação e sonho que se presentifica. Observe-se que o verso onze, tal como aparece nesta edição crítica -- "E a noite lactescendo, onde, quietas," -- permite uma leitura diferente da que se vinha fazendo até agora. Nas versões correntes da **Clepsidra** lia-se "E à noite lactescendo", significando ou que se pedia ao Arcanjo guiasse a nau

¹ Ao afirmar a filiação simbolista de Pessoa, temos em mente, é claro, os trabalhos de Eduardo Lourenço. Uma reflexão interessante, embora brevíssima, sobre a relação dos sonetos de Pessanha e a **Mensagem** de Pessoa, encontra-se no texto de António Quadros "Pessanha e Fernando Pessoa: de 'San Gabriel' à 'Mensagem'", publicado no **Jornal de Letras** de 7 de agosto de 1990, p. 10.

² Nos comentários que faremos a seguir utilizaremos o texto tal qual aparece na edição crítica realizada por P. Franchetti e que, no momento, está em vias de edição em Portugal. Os poemas vêm reproduzidos nas páginas finais deste trabalho.

até "à noite...", ou que a luminosa ficava lactescente, enquanto nesta significa-se uma outra ação, a de lactescer a noite, que decorre simultânea àquela de o arcanjo guiar a nau até a nebulosa. A escuridão está, pois, em processo de lactescência, de um embranquecimento em que há sugestões de brilho e de luminosidade. Parece-nos uma mudança semântica muito significativa por a noite estar sendo dissipada. Se antes ela era a meta, agora aparece como um foco gerador de luz, não imóvel mas em processo, como todo este cinético segundo soneto.³ As "velhas almas namoradas" que "fulgem" neste espaço feérico também não estão imóveis mas, de algum modo, participam desse processo, embora venham enigmáticamente caracterizadas como "tristes, severas, resignadas". Tributo que o poeta paga aos modismos de época? Se tal caracterização introduz uma nota aparentemente dissonante no contexto de deslumbramento, não devemos esquecer, contudo, que a dominante no poema e no próprio díptico é a esperança, o que fica patente no emprego reiterado do modo imperativo e da locução "outra vez", presente tanto no primeiro soneto quanto no segundo e, o que é mais, reiteradamente. Enquanto há prece, há esperança, e a visão que Camilo Pessanha propõe da viagem de Vasco da Gama não é, portanto, pessimista nem passadista. A viagem ainda se está fazendo, ainda continua e é, embora em termos enigmáticos, dirigida para um fim futuro que já se prenuncia.

Antes de continuar esta leitura do "San Gabriel" parece interessante voltar por alguns momentos a nossa atenção para o poema com que Mallarmé também comemora o IV Centenário da viagem de Vasco da Gama, pois teremos assim ocasião de tornar mais claras, por contraste e comparação, algumas características importantes dos poemas que vimos comentando. Ei-lo:

*Au seul souci de voyager
Oltre une Inde splendide et trouble
- Ce salut soit le messenger
Du temps, cap que ta poupe double*

*Comme sur quelque vergue bas
Plongeante avec la caravelle
Écumait toujours en ébats
Un oiseau d'annonce nouvelle*

*Qui criait monotonement
Sans que la barre ne varie
Un inutile gisement
Nuit, désespoir et pierrerie*

³ A propósito deve-se registrar que já Pedro da Silveira, face ao texto do **Jornal Único**, chamara a atenção, em 1969, para a diferença entre a lição do jornal e a da **Clepsidra** de João de Castro Osório. Cf. Pedro da Silveira. "Breve divagação em torno da obra de Camilo Pessanha". In: **Vértice** - nº 307, vol. XXIX. Coimbra, Abril de 1969, p. 278, nota 15.

*Par son chant reflété jusqu'au
Sourire du pâle Vasco.*⁴

Neste texto, em que se faz tão presente o hermetismo dos poemas da maturidade de Mallarmé, temos um quadro bem diferente da feérica navegação em curso no poema de Pessanha. A primeira percepção é que o "Vasco" de Mallarmé é uma figura simbolista/decadente a sugerir estaticidade. Um ser fantasmático, cuja sombra aparece hierática a bordo da caravela, desprezando, com um sorriso enigmático, a "inútil jazida" e a "pedraria", que se deixam ler como metonímia dos bens da fortuna.

O brinde é "Ao cuidado exclusivo de viajar para além de um Índia esplêndida e perturbadora", e o navegador quinhentista é apresentado como alguém que ama mais o processo do que seu objetivo. A viagem é, pois, absolutizada e passa a valer por si; o que vale é a busca e não a realização. A atitude do Vasco de Mallarmé é típica da visão de mundo simbolista/decadente, tão bem definida no admirável soneto de Pessanha: "Depois da lucta e depois da conquista", cujo último terceto é a apologia dos que morrem sem realizar seu ideal e, por isso, não sofrem desilusão.

O soneto de Mallarmé, contudo, não glosa essa temática do ideal que permanece mais puro porque irrealizado. Vasco é um triunfante e realizado, e o poema de Mallarmé é antes o brinde ao que podemos chamar de "viajante puro", que ele desentranha do viajante concreto, herói emblemático da conquista e do sucesso. Assim, concebe Mallarmé um Vasco da Gama desrealizado até o ponto de se chamar única e exoticamente "Vasco". E como se vê pela apresentação do poema: "Que este brinde seja o mensageiro / do tempo, cabo que a tua popa dobra (...)", a grande proeza realizada por esse "Vasco" é a sua exemplaridade, que dobra o "cabo" do "tempo" e se immortaliza na memória da humanidade. É a este "Vasco", viajante puro, vencedor do tempo, imortal na memória dos homens que seu "toast" se dirige.

Essa proeza inspirará ao torturado poeta da "folha em branco" a longa comparação com o que ele denomina "um pássaro da nova anunciação". Aparece, deste modo, uma sombra de alusão ao Arcanjo São Gabriel, cuja relação com a viagem do Gama, dada também pelo nome da nau, poderia passar despercebida a um leitor menos avisado. O Arcanjo aparece convertido em "pássaro", abolida toda a transcendência que possui no contexto cristão. Mas é "um pássaro de anunciação nova", o que leva a indagar a respeito do conteúdo dessa anunciação. Tudo o que o poema informa é que seu anúncio, pregão ou grito, é lançado de maneira monótona, "monotonement", não provocando nenhuma mudança de rumo, "sans que la barre ne varie". Seja como for,

⁴ Cf. Stéphane Mallarmé. *Oeuvres Complètes*. Paris, Gallimard, 1945, p. 72. Este soneto foi publicado postumamente, em *Poèmes de St. Mallarmé*, de 1899. Segundo nos informam os organizadores do volume da Gallimard, sem qualquer indicação bibliográfica, porque os editores de 99 encontraram na última hora o manuscrito sobre que fizeram a publicação. Parece assim muito plausível que tenha sido escrito no ano anterior, último da vida de Mallarmé, quando das comemorações do IV centenário da viagem de Vasco da Gama.

parece-nos que esse "pássaro da nova anunciação" não transmite à personagem qualquer entusiasmo ou esperança, já que na seqüência do poema a viagem prossegue à margem de "uma inútil jazida" e seu clima de solidão e perigo é intensificado pelo verso enumerativo "Noite, desespero e pedraria". Se o díptico de Camilo Pessanha estava impregnado de um sentimento predominante de renovação e de esperança, não cremos que o mesmo se possa dizer deste soneto mallarmeano, que se encerra nomeando o "pálido Vasco" que apenas sorri, enigmaticamente.

De fato, o poema de Mallarmé — tão nítido na formulação do brinde — vai, pouco a pouco, esmaecendo e tornando-se obscuro, deixando em suspenso não só o leitor como também a própria caracterização da personagem celebrada. O que paira, num balanço final, é a figura solitária e espectral desse "Vasco" de sonho, que tem mais a ver com um Huysmans, com um Villiers de l'Isle-Adam ou com um Mário de Sá Carneiro do que com o navegador português. Ou também seria o caso de ver a palidez deste "Vasco" como a representação plástica de sua memória histórica? Seria então o brinde dirigido à figura de Vasco da Gama enquanto ser agora apenas histórico que é passível de receber brindes e de sorrir ao eu da anunciação que o formula? Esse "Vasco", já liberto dos condicionamentos materiais de um corpo, das coordenadas do tempo e do espaço, da ambição das riquezas ("jazida" e "pedraria"), é que preencheria as condições ideais de acolher o brinde que lhe é feito, ele que é efetivamente o "viajante puro" e, assim, um vencedor do tempo. De qualquer forma, a viagem se afigura aqui, diferentemente do poema de Pessanha -- onde um *nós* é o sujeito da prece e da ação retomada --, um empreendimento solitário. O Vasco de Mallarmé vai constituir um símbolo do ideal buscado individualmente pelo exercício da vontade e da determinação. Daí que o texto voluntariamente permaneça em aberto, evite apontar a um termo, ou mesmo fornecer as coordenadas para que pelo menos divisemos o porto de chegada. Tal qual a viagem que o "brindador" augura para seu homenageado, também o poema, a partir do momento em que é criado, inicia sua viagem sem fim no oceano das leituras. Para Mallarmé, este Vasco e o *eu* de um outro *toast* -- o que começa por "Rien, cette écume, vierge vers" -- se equivalem: são os solitários sonhadores que se mantêm fiéis aos ideais que, a rigor, não exigem nem pressupõem realização. Tal como nos versos finais de "Salut", o brinde ao Vasco também acaba por dizer: "À n'importe ce que valut / Le blanc souci de notre toile".

Já no caso de Pessanha, a viagem de Vasco da Gama é não o símbolo de uma atitude individual do espírito, mas de ação coletiva que busca, no passado, seu exemplo e modelo. Vejamos.

Num primeiro momento, que coincide com o término do primeiro soneto, o desejo do sujeito plural do poema -- manifestado na prece -- é realizar de novo a conquista, de que a viagem do Gama é o emblema por excelência. Mas desta vez, como lemos, trata-se de uma conquista final, que é a conquista da luz e do Bem -- este, grafado com letra maiúscula. E é só depois de assim redefinidos, nesse outro plano, os objetivos da navegação que a prece é atendida: no segundo soneto as velas de novo estão côncavas, e renasce o movimento cuja ausência dera motivo à queixa tão dolorosa

com que o díptico se abrisse. Superada a primeira condição negativa -- a imobilidade --, ergue-se outra vez a prece, agora no sentido de os viajantes chegarem a bom porto.

Portanto, embora o díptico de Pessanha celebre a viagem de Vasco da Gama enquanto realização de um ideal, tanto quanto Mallarmé, é muito clara a diferença de perspectiva: enquanto Mallarmé isola o vulto do navegador e nele celebra apenas a intenção de viajar, além da história e além de qualquer conquista possível em qualquer nível, em Pessanha a viagem do Gama é celebrada também enquanto feito da ordem do ideal, sim, mas de um ideal que se define no plano do coletivo. Tanto que o *nós* do poema, que vê a viagem do Gama em perspectiva e se propõe a continuá-la depois de uma interrupção que obriga a redefinir os rumos e objetivos, vai almejar, como fim da viagem metafórica, a integração num outro ser coletivo, as "velhas almas namoradas" "de guerreiros, de santos, de poetas", que fulgem no horizonte envoltas num brilho de quase aurora.

Aqui, uma leitura alegórica praticamente se impõe: é difícil não ver na calmaria uma representação do estado da pátria portuguesa nos anos que se seguiram ao Ultimatum inglês, como também é praticamente imediata a identificação do *nós* do poema com a coletividade portuguesa, embarcada na nau de seu histórico desígnio. Da mesma forma, o apontar na luminosa deixa-se ler como a recuperação das antigas qualidades da alma nacional, de que a viagem do Gama é a realização mais emblemática.

Nesse momento da análise, evidencia-se a grande semelhança entre essa leitura e a interpretação da história portuguesa proposta por Fernando Pessoa em **Mensagem**, já notada, aliás, anteriormente.⁵ Impõe-se também a lembrança destas palavras de Pessoa tão sobejamente conhecidas: "E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova que não existe no espaço, em naus que são construídas 'daquilo que os sonhos são feitos'. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-á divinamente".⁶ Tanto em Pessanha, quanto em Pessoa, as navegações renascentistas acabam por ser tratadas como uma forma de existência menos realizada e duradoura do que ainda está por cumprir no plano espiritual. Menos coroamento do que prefiguração, portanto; ou coroamento apenas de um percurso que se repetirá um grau acima, num nível superior, marcado pelo signo mesmo do divino, como sugere a imagem do Arcanjo a guiar as naus para o Bem.

Ainda no mesmo registro decorrente da grande nascente do Simbolismo europeu, encontramos em Portugal, nos princípios do século XX, dois notáveis poemas de António Patrício que nos falam da nau São Gabriel. Trata-se de "In Memoriam" e "Nau-Sombra".

⁵ Cf. texto citado, de António Quadros, em que o díptico de Pessanha é considerado "a mais próxima fonte estética e até intelectual da **Mensagem**".

⁶ "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico". In: **A Águia**, nº 12, II série.

Como o próprio título já nos leva a esperar, o primeiro dos poemas constitui uma homenagem fúnebre à nau da grande viagem, recordando-a, portanto, como algo que só tem condições de subsistir na memória da humanidade. Eis o poema:

IN MEMORIAM

*Porque é que não existe em Portugal,
em jóia funerária, em miniatura,
como um brinquedo quase ritual,
uma saudade em mimos de escultura,*

*o modelo das naus, a "S. Gabriel",
uma das naus-arcajos, pequenina,
que nos lembrasse, mística, fiel,
a grandeza no mar da nossa sina?...*

*E queria eu, meu Deus, que esse modelo,
a pequenina nau que não verei,
esculpida com graça, com desvelo,
votivamente, como aqui sonhei,*

*fosse dada às crianças às mais pobres,
como os armoriais da nossa Raça,
para que vissem bem como são nobres
e de que Sonho vêm para a desgraça.⁷*

Em versos decassílabos, o poema tem algo de religioso, permitindo que se possa considerá-lo como uma espécie de "ex-voto" coletivo formulado "post-mortem". O eu da enunciação desse poema parece considerar de tal modo extinta a possibilidade de uma grandeza presente para a pátria que sente a necessidade de reificar o passado, convertendo a nau capitânia numa espécie de bibelô. Desse modo, a São Gabriel passaria a "jóia funerária", a "miniatura", a "brinquedo quase ritual". É importante notar o que se diz no primeiro verso do segundo quarteto: "a modelo das naus, a 'S. Gabriel'". Ela aparece como o arquétipo das naus, significando desta forma que a viagem de Vasco da Gama não foi apenas *uma* viagem, mas *a* viagem, paradigma de todas as outras.

⁷ Não conseguimos informações que permitissem datar com precisão ambos os poemas de A. Patrício que aqui comentamos. Foram publicados em *Poesias*, edição póstuma de 1942. Os textos estão de acordo com a segunda edição da *Poesia Completa* pela Editora Assírio e Alvim, de Lisboa, em 1989.

Ao mesmo tempo que ela é o arquétipo das naus, ela é também denominada "uma das naus-arcanjos", isto é, um objeto "místico", concebido em pedra, que se deseja talhado "votivamente" como uma pequena escultura, para, ainda segundo o poema, ser "dada às crianças, às mais pobres", como se oferece uma medalha ou uma imagem de santo. Deste modo, a viagem de Vasco da Gama, além de arquetípica e, portanto, paradigmática, torna-se sagrada, passível de uma espécie de culto.

Essa glorificação da viagem por excelência, materializada na estatueta da nau, vem, contudo, num contexto desesperançoso, fúnebre, até mesmo cruel. Sempre segundo o poema, trata-se de conscientizar as gerações que vão surgindo da grandeza perdida da pátria, de infundir, até e principalmente às crianças mais humildes, o orgulho -- agora mórbido -- da "Raça", grafada com maiúscula. O temor de que os grandes feitos patrióticos sejam esquecidos e de que deles se perca a memória leva a pensar em medidas pedagógicas que visem assegurar a consciência da identidade nacional. Orgulho pátrio de um lado, e doutro amargura diante do presente e até do futuro. Para o António Patrício deste primeiro poema só o passado é que existe e isso fica claro nos versos finais: "para que vissem bem como são nobres / e de que Sonho vêm para a desgraça".

O segundo poema de Patrício dedicado ao mesmo tema, "Nau-Sombra", embora formalmente muito distinto do primeiro, semanticamente lhe é próximo. Por ser um texto muito longo, transcrevê-lo-emos nas páginas finais deste trabalho.

Ainda aqui, trata-se de celebrar postumamente o sonho português. A "nau-sombra", a San Gabriel, surge neste poema como o "esquife da quimera duma Raça", que só na evocação do poeta ainda segue velejando. Como no díptico de Pessanha, também aqui o sujeito é coletivo, um nós que explicitamente se define como os portugueses ("tu sabes bem que em nós, os portugueses, / o sonho antigo nunca mais declina"). Também a mesma pergunta de Pessanha ("A que foi que tão longe nos trouxeram?") é aqui retomada: "Ó mar, onde nos leva o nosso Fado?...".⁸ Porém, diferentemente do "San Gabriel", em que a navegação se retoma em direção ao ideal nebuloso e brilhante do horizonte, aqui a resposta é o naufrágio, a interrupção da ação: "Ó mar, onde nos leva o nosso Fado?... / A um naufrágio místico de amor, / não ao dos galeões, ao do Passado."

Da mesma forma, as qualificações da nau capitânia, além da já conhecida caracterização de "nau-arcanjo", que vimos no poema anterior, pertencem todas a um

⁸ Apenas a título de curiosidade, registemos que é muitíssimo provável que Patrício tenha conhecido a obra dispersa de Camilo Pessanha em Portugal e, no que diz respeito ao que aqui nos interessa, que tenha podido ler até mesmo o díptico "San Gabriel", com que este poema revela tantas afinidades. A favor dessa hipótese, lembremos que o "San Gabriel" de Pessanha foi publicado por João de Castro Osório na **Contemporânea**, em 1926, e também que Patrício, no início da década de 1910, foi cônsul de Cantão, na China, num período em que Pessanha não apenas era um dos poucos intelectuais portugueses a habitar o Extremo-Oriente, mas ainda ia freqüentes vezes àquela cidade em missão oficial ou em busca de peças para sua coleção chinesa. Embora não tenhamos registros, é bem possível que se tenham mesmo conhecido pessoalmente.

campo semântico que diz a morte ou a irreabilidade: "Nau-Sombra", "Nau-fantasma", "Esquife", "Ave funerária", "Velas de crepe", "Nau-miragem".

E se aparece, contudo, uma certa luz de esperança, não feérica, como nos sonetos de Pessanha, mas suficiente para lançar uma certa aura de benignidade e de misticismo no presente da nação, é só porque se divisa ou se deseja um momento de repouso, de quietude, ("que a nossa alma portuguesa aporte, / entre no reino da Serenidade"), em que a história da nação se resolva de um modo "encantado" e íntimo: "E só no coração, misticamente, / um não sei quê, um não sei quê se azula... / (...) // Uma semente a germinar em céus, / um outro Império de luar silente / a que já caem lentamente os véus... // Sobre tanto naufrágio e tanta dor, / um ancorar puríssimo, encantado, / num Oriente mais anunciador..."

As imagens desse poema, embora acenando com transformação e uma vaga esperança, convergem todas para a quietação, a cessação do movimento, a morte. E é em busca desse resolver-se em quietude do destino doloroso da nação que se ergue a prece com que o poema termina: "É a vigília de armas que hoje faço, / é o que eu te peço, mar, é o que eu te rezo / com a Nau-Sombra no horizonte baço...". Significativamente, neste poema, ao contrário do "San Gabriel", o sujeito lírico não está embarcado, mas em terra, à beira-mar, dirigindo sua prece ao Oceano. Mais significativamente ainda, o horizonte onde navega, irreal, a nau da anunciação não derrama luminosidade, nem contém, em si mesmo, como nos versos de Pessanha, as figuras matriciais do renascer da pátria portuguesa: é baço, e nele navega apenas uma nau que é descrita como "sombra".

É chegada a hora de procedermos a um balanço final. Para tanto observemos que todos os textos portugueses aqui invocados são acordes em abominar a estagnação presente da pátria. Em todos, a consciência de que a identidade nacional está entranhadamente ligada ao passado heróico, representado de maneira paradigmática no evento da viagem de 1498, leva à procura, na aridez do presente, de alguma possibilidade de saída ou ressurgimento. Camilo Pessanha (como depois Fernando Pessoa, em **Mensagem**) acena com a esperança de novas glórias no domínio do espírito, com o vislumbre de heroísmos místicos, não apenas individuais, mas objeto de realização coletiva, a modo de uma nova missão da pátria, de um chamamento especial que torna o português o "povo escolhido" da idade moderna. É interessante notar, porém, que, como é natural nas profecias, o conteúdo desse novo designio guarda obscuridade, não se vendo bem nem em quê consistirá, nem como irá realizar-se. Como toda profecia, exige fé, e só adquirirá clareza *a posteriori*.

Em António Patrício há certa oscilação. Por um lado, sua visão do destino pátrio é sombria, negativa e desesperançada, se atendermos ao que nos diz o "In Memoriam". Na óptica desse poema, o único a fazer é cultivar a memória, sacralizar o passado, sacralizando o seu símbolo, reificado na estatueta da nau. Chega mesmo a propor que se tome essa medida como política educacional das novas gerações, a fim de que não se perca a memória da grandeza pretérita e, conseqüentemente, essa identidade em que a nação se reconhece. Por outro lado, o poema "Nau-Sombra", mantendo

embora o mesmo clima fúnebre, envereda para uma solução mística, que, embora num sentido totalmente diverso, parece dialogar intensamente com o díptico de Pessanha.

Não deixa de ser interessante observar o tratamento que o mesmo tema recebe num autor de fora de Portugal, mormente em se tratando de um poeta do gabarito de um Mallarmé. Podemos pensar que a admiração que o leva a brindar a Vasco da Gama pelo IV centenário do seu grande feito inclui igualmente um reconhecimento do papel desempenhado pelos navegantes portugueses no mundo, de sua memorável contribuição para a História da Humanidade. Mas na verdade Mallarmé parece celebrar a imortalidade conquistada por Vasco da Gama, vencedor do tempo, "modelo dos navegantes" como a San Gabriel era, para Patrício, o "modelo das naus" -- seu Vasco é o "viajante puro", como dissemos há pouco, tomado apenas na sua imaterial viagem através do tempo. Nesse sentido, seu Vasco é muito mais abstrato, muito mais desprovido de conteúdo histórico e social, símbolo apenas da vontade firme e do desejo de viagem. O que é distintivo do poema de Mallarmé, o único estrangeiro, considerado face aos outros que vimos comentando, é que a figura de Vasco da Gama aparece isolada no tempo, sem que a evocação da sua figura acarrete, como nos poemas portugueses, a comparação do tempo da personagem com o tempo da escrita dos poemas. Nesses, como pudemos observar, essa comparação, por acirrar o contraste entre a idealização do passado e a específica situação sócio-econômica de Portugal na virada do século, produz a forte carga emocional de frustração e vagas esperanças de retorno ao tempo da grandeza e da glória.

Dentro de poucos anos, celebrar-se-á o V centenário da viagem do Gama. Ao final deste século XX, que conheceu a obra de um Fernando Pessoa, a ditadura fascista, o 25 de Abril, a independência das colônias e, ultimamente, o controvertido ingresso na CEE, resta aguardar para ver que novos sentimentos inspirará a San Gabriel e seu comandante, e que papel ainda representam na identidade nacional portuguesa.

Apêndice -- Texto dos poemas.

SAN GABRIEL

(No quarto centenário do
descobrimento da Índia)

I

*Inutil! Calmaria. Já colheram
As vellas. As bandeiras socegaram
Que tão altas nos topes tremularam,
--Gaivotas que a voar desfalleceram.*

*Pararam de remar! Emmudeceram!
(Velhos rithmos que as ondas embalaram).
Que cilada que os ventos nos armaram!
A que foi que tão longe nos trouxeram?*

*San Gabriel, archanjo tutelar,
Vem outra vez abençoar o mar.
Vem-nos guiar sobre a planície azul.*

*Vem-nos levar á conquista final
Da luz, do Bem, doce clarão irreal.
Olhae! Parece o Cruzeiro do Sul!*

II

*Vem conduzir as naus, as caravellas,
Outra vez, pela noite, na ardentia,
Avivada das quilhas. Dir-se-ia
Irmos arando em um montão de estrellas.*

*Outra vez vamos! Concavas as vellas,
Cuja brancura, rutila de dia,
O luar dulcifica. Feeria
Do luar, não mais deixes de envolvel-as!*

*San Gabriel, vem-nos guiar á nebulosa
Que do horisonte vapora, luminosa
E a noite lactescendo, onde, quietas,*

*Fulgem as velhas almas namoradas...
--Almas tristes, severas, resignadas,
De guerreiros, de santos, de poetas.*

Camilo Pessanha

Nau-Sombra

Mare divinum: venho ter contigo.
É uma vigília de armas a que eu faço,
pobre de mim! como um herói antigo.

A noite adormeceu já todo o espaço.
e os rases de névoa que avoeja
são o Mistério que vem passo a passo...

Tu foste desde sempre a minha igreja:
nos teus claustros intérminos de bruma,
as asas sabem que a minha alma as beija.

E já num tempo que a saudade embruma,
já em criança, eu te rezava a ti:
amei, antes de amar, a tua espuma.

Eu sou teu filho, mar, em ti nasci.
Tentei dizer a Imitação do Mar
que em tantas tardes místicas ouvi.

Se os outros me não querem abraçar,
é que eu nasci, ó mar, para ser onda,
e não lhes posso, e não lhes sei falar.

Assim esta alma querem que a esconda:
por isso sofro tanto e me confranjo,
sou carne triste e tenho uma alma de onda,

Viste a "S. Gabriel", a nau-arcanjo?...
(Voga no ar um hálito de incenso:
vai uma nuvem a enlaçar um anjo...)

Não foi por ela o teu amor imenso?...
Como uma noiva que saiu da cova,
vem muita vez no nevoeiro denso...

Vem nas penumbras, fuge à luz-nova!...
E a grande Nau-fantasma calefria
como um amor nas rimas duma trova.

*Lá vem singrando a Nau-capitania!...
Vem sem ninguém, ó mar, vai-la beijando:
fala-lhe tu, ó voz da maresia.*

*Vê como é alta, como vem rolando!...
Esquife da quimera duma Raça,
na minha evocação vens velejando...*

*És uma Ave funerária, lassa...
Velas de crepe, ó Nau; a marinagem
dorme no mar, sonha contigo... Passa!...*

*Na cordoalha, grande Nau-miragem,
o vento inda oficia ao teu Passado,
-- um sonho de beleza e de carnagem...*

*Agora a Índia é outra, é outra a obra:
é o Cabo Tormentoso do Mistério
que a nossa alma, entre soluços, dobra...*

*A cada instante se abre um rumo etéreo:
e a hora mais humilde, se é rezada,
é um acorde, um não sei quê sidéreo...*

*Ó Nau de Sombra, grande Nau armada,
o munod que o mar nosso nos revela
não é Preste Johan, reino de fada...*

*O vento cai rezando em cada vela:
e a pobre nau que a nossa dor tripula
tem em cada beliche um ar de cela...*

*À roda -- desespero: crepuscula...
E só no coração, misticamente,
um não sei quê, um não sei quê se azula...*

*Como se o desespero que ele sente
andasse a conceber um novo deus,
e tudo se fizesse transparente...*

*Uma semente a germinar em céus,
um outro império de luar silente
a que já caem lentamente os véus...*

*Sobre tanto naufrágio e tanta dor,
um ancorar puríssimo, encantado,
num Oriente mais anunciador...*

*Ó mar, onde nos leva o nosso Fado?...
A um naufrágio místico de amor,
não ao dos galeões, ao do Passado.*

*Ó grande rezador da nossa sina,
tu sabes bem que em nós, os portugueses,
o sonho antigo nunca mais declina.*

*Só Beethoven às vezes, poucas vezes,
me fala assim com essa voz divina,
assim exaltadora dos reveses.*

*Somos navegadores pr'além da Morte:
temos a Índia eterna da saudade
rumando para sempre a nossa sorte.*

*Ó grande mar espímeo de bondade,
que a nossa alma portuguesa aporte,
entre no reino da Serenidade.*

*É a vigília de armas que hoje faço,
é o que eu te peço, mar, é o que eu te rezo
com a Nau-Sombra no horizonte baço...*

António Patrício